REVISTA DA ABPN

DOI 10.31418/2177-2770.2021.v13.n.35.p80-92 | ISSN 2177-2770
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

CORAÇÕES IJEXÁ[1]

Resumo: A historiadora Isabel Cristina Ferreira dos Reis narra a sua trajetória de vida na Bahia, destacando os contextos emergentes da mobilização negra em Salvador. Analisa as suas experiências acadêmicas na UFBA, na Unicamp e em universidades norte-americanas. Ressalta as influências intelectuais e acadêmicas na historiografia e o papel atual das intelectuais negras.

Palavras chaves: História Pública, História intelectual, Bahia e Isabel Cristina Ferreira dos Reis

AFRO-BRAZILIAN BODIES AND HEARTS

Abstract: Isabel Cristina Ferreira dos Reis narrates her life trajectory in Bahia, highlighting her family origins and the universes of black mobilization in Salvador. Analyzes his academic experiences at UFBA, Unicamp and North American universities. It highlights the intellectual and academic influences on historiography and the role of black intellectuals.

Keywords: Public History, Intellectual History, Bahia and Isabel Cristina Ferreira dos Reis

CUERPOS Y CORAZONES AFROBRASILEÑOS

Resumen: Isabel Cristina Ferreira dos Reis narra su trayectoria vital en Bahía, destacando sus orígenes familiares y los universos de la movilización negra en Salvador. Analiza sus experiencias académicas en la UFBA, Unicamp y universidades norteamericanas. Destaca las influencias intelectuales y académicas en la historiografía y el papel de los intelectuales negros.

Palabras claves: Historia Pública, Historia Intelectual, Bahía e Isabel Cristina Ferreira dos Reis

CORPS ET ESPRITS AFRO-BRÉSILIENS

Résumé: Isabel Cristina Ferreira dos Reis raconte sa trajectoire de vie à Bahia, mettant en lumière ses origines familiales et les univers de la mobilisation noire à Salvador. Analyser ses expériences académiques dans les universités UFBA, Unicamp et nord-

[1] Entrevista, edição e organização de Stephane Ramos (doutoranda em História pela Universidade de Brasília, E-mail: stephane.rcosta@gmail.com . ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5162-5970) e Flávio Gomes (professor da UFRJ e pesquisador do CNPq, Professor da UFRJ e pesquisador do CNPq. E-mail: escravo@prolink.com.br . ORCID: http://orcid.org/0000-0002-2386-7040)

américaines. Il met en évidence les influences intellectuelles et académiques sur l'historiographie et le rôle des intellectuels noirs.

Mots clés: Histoire publique, histoire intellectuelle, Bahia et Isabel Cristina Ferreira dos Reis

ISABEL CRISTINA FERREIRA DOS REIS

Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), atuando também no Programa de Pós-Graduação em História Regional da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Em 1998 concluiu o Mestrado em História pela UFBA com a dissertação "Histórias de Vida Familiar e Afetiva de Escravos na Bahia do Século XIX". Em 2007 foi a vez da conclusão do Doutorado em História pela UNICAMP com a tese: "A Família Negra no Tempo da Escravidão: Bahia, 1850-1888". Entre livros e coletâneas publicou "Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX" (Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2001), "Diáspora Africana nas Américas" (Fino Traço Editora/UFRB, 2016); "História Regional e (Quarteto, 2010). Publicou artigos na *Revista ABPN*, *Afro-Ásia* (CEAO-UFBA) entre outros periódicos, além de capítulos em importantes coletâneas, destacando-se "Escravidão e cultura afro-brasileira: temas e problemas" (Editora da Unicamp, 2016), "Bahia: ensaios de história social e ensino de história", (Editora da UNEB, 2014); "African Culture and Global Politics" (Routledge African Studies Series, 2014), "Culturas e sociabilidades no Oitocentos" (Editora Universitária - UFPB, 2011); "Olhares sobre o mundo negro" (Editora Progressiva, 2010); "Capítulos de História da Bahia" (Annablume, 2009)

ORIGENS

Fale um pouco da sua origem familiar e trajetória até entrar na Universidade. Quais foram as primeiras referências familiares e extra familiares? Como foi a formação no primeiro e segundo grau?

A minha família (materna e paterna) é originária do Recôncavo baiano, mais precisamente na vila de Santiago do Iguape (distrito de Cachoeira). Os meus pais, Antônio dos Reis e Laura Ferreira dos Reis, se conheceram nos anos 1960, na cidade do Rio de

Janeiro. Eles, assim como muitos outros baianos, foram para a capital carioca ainda na adolescência em busca melhores condições de trabalho, e lá moraram por muitos anos. Quando os meus pais resolveram retornar para a Bahia eu tinha 2 anos de idade.

Eu sou a primeira filha de uma família grande, porém dentro dos padrões daquela época, somos 12 filhos: oito mulheres e quatro homens. Apesar das dificuldades e desafios comumente enfrentados pelas famílias negras brasileiras, minhas irmãs, irmãos e eu tivemos uma infância permeada por muitos cuidados, proteção familiar, e muitas experiências bacanas, vividas entre Santiago do Iguape (local de moradia dos meus avós maternos Januário Antônio de Brito e Maria Bomfim de Brito) e a cidade de Salvador (onde ainda residimos). No Iguape invariavelmente passávamos as nossas férias, as festas e feriados prolongados, cercados pela família extensa (eram muitos ti@s, prim@s, e outros parentes de sangue ou por afinidades). Em Salvador morávamos em um bairro popular (Brotas), e íamos para a escola.

Os meus pais priorizaram investir na educação dos filh@s, tinham uma verdadeira obsessão por esta questão, e não mediram esforços para que frequentássemos às aulas e quase absolutamente nada podia servir de argumento para que pudéssemos faltar a escola. Eles trabalharam compulsivamente para que nada nos faltasse (livros, fardamento, lanche...) e viabilizar uma educação de qualidade para @s filh@s foi a grande razão da vida deles, que se orgulham muito de nos ter enviado para a escola particular aos 4 anos de idade. Apesar dos poucos recursos disponíveis, eles não mediram esforços para que nós não ficássemos esperando a vaga da escola pública, só disponibilizada para as crianças a partir dos 7 anos de idade, pois era raro o ensino pré-escolar público àquela época. O Ensino Fundamental, minhas irmãs e eu estudamos em uma rigorosa escola de freiras, exclusivamente para meninas. O nosso Ensino Médio também foi em escola pública, e eu fiz o "Curso de Formação para o Magistério" no Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA), uma escola tradicional na formação de professor@s de Salvador.

Para garantir o padrão de excelência na criação d@s filh@s preconizado por meus pais, eles também nos colocaram para ajudar na lida cotidiana bem cedo. Em nossa família tod@s nós passamos a ter algum tipo de atividade produtiva a partir dos 10 anos de idade, eram pequenas tarefas que nos garantiam algum dinheiro e aprendizado. Sobretudo a minha mãe, uma pessoa autodidata, muito inteligente e altamente

empreendedora se preocupava em nos introduzir em trabalhos alternativos (vinculados a arte, artesanato, culinária, costura, datilografia etc.), que pudessem nos reder algum recurso para ajudar a custear algumas das nossas despesas, ao tempo em que estávamos estudando. Esse direcionamento fundamental para viabilizar toda as nossas conquistas posteriormente. Nenhuma conquista foi mérito individual em nossa família, cada passo dado envolveu a energia de tod@s, e os frutos dessas conquistas continuam sendo compartilhados entre nós até hoje. Continuamos, sempre que necessário, colaborando nos projetos um do outro sem restrições. Não desconsiderando o importante engajamento dos homens, a minha família é profundamente marcada pelo matriarcado da minha avó, seguido pela liderança da minha mãe, e a elas somos tributári@s da nossa coesão e existência exitosa.

Apesar de eu ser a filha primogênita, eu fui a segunda a ser aprovada no vestibular. Os meus pais acompanharam cada passo das nossas iniciativas para conseguir a tão sonhada vaga na universidade, e seguimos junt@s nas estratégias para assegurar a continuidade dos estudos. Aos poucos nós vivenciamos a imensurável alegria decelebrar a minha diplomação e das minhas sete irmãs no Ensino Superior. Tempos muito difíceis aqueles, quando se via muito pouc@s negr@s nas universidades brasileiras.

ESCOLHENDO HISTÓRIAS

Como foi a escolha pela História? O que te motivava e evocava na graduação?

Ainda criança, aos 11 ou 12 anos de idade eu decidi que seria jornalista e esta ideia fixa me acompanhou por mais de uma década. Após concluir o Ensino Médio, com 18 anos de idade, eu tentei cinco vestibulares para o "Curso de Comunicação com Habilitação para o Jornalismo", um dos cursos mais concorridos nos vestibulares da UFBA dos anos 1980, sem sucesso. Como eu não conseguia ser classificada dentro do número de vagas disponíveis, só no meu quinto vestibular, no ano de 1989, eu resolvi indicar o "Curso de Licenciatura em História" como segunda opção, e consegui esta vaga. Eu já gostava de estudar história antes de ingressar no curso profissionalizante da UFBA, e o meu interesse e envolvimento com a disciplina foi aumentando à medida em que eu passei a acompanhar as atividades do Movimento Negro em Salvador, no início da década

de 1980.O final dos anos 1980 e a década de 1990 foram anos muito intensos no seio dos movimentos negros brasileiros, anos de muitas discussões acerca do racismo à brasileira, das críticas ao mito da democracia racial no Brasil, das avaliações acerca da realidade social do negro brasileiro após os 100 anos do fim da escravidão, sobre os rumos tomados pelos países do continente africano após os processos de independência e fim da dominação colonial europeia, das lutas pelo fim do *apartheid* e a libertação de Nelson Mandela na África do Sul, sobre os enfrentamentos do racismo e a conquista de direitos pelos afro-americanos nos Estados Unidos, entre outras pautas relacionadas à existência e resistências do povo negro. E eu, ainda na condição de aspirante à uma vaga na universidade, me sentia particularmente interessada nas atividades do movimento negro onde palestrantes como a Professora Ana Célia Silva criticavam intensamente o *eurocentrismo* presente na produção do conhecimento nas universidades brasileiras, e enfatizavam a importância de se conhecer e reescrever a história do negro no Brasil e dos povos africanos, assim como promover o estreitamente das conexões entre as populações negras na "diáspora".

Desta forma, quando eu comecei a estudar na UFBA eu já me sentia em alguma medida alicerçada sobre algumas diretrizes edificadas a partir desta interação com a militância do nosso "movimento negro educador", como bem qualificou recentemente Nilma Lino Gomes, e que muito contribuiu para o fortalecimento do meu interesse pela profissão de professora e pesquisadora na área da história e da cultura africana e afro-brasileira.

TRILHAS, LEGADOS E INFLUÊNCIAS

Sua graduação nos anos 1990 e os seguintes foi também um momento de efervescência. Como isso te mobilizava em termos intelectuais? Quais os livros, abordagens, autores?

Como externado acima, eu posso dizer que os primórdios da minha formação de "nível superior" se deram a partir da interação com o movimento negro baiano, da interlocução com uma infinidade de pessoas vinculadas a ele. Só para citar algumas referências do que chamávamos àquela época de nossas "cabeças pensantes", a juventude

negra soteropolitana engajada da minha geração é tributária a socióloga e ex-ministra Luiza Helena de Bairros; aos professor@s Ana Célia Silva, Edenice Sant'Ana, Jaime Sodré, Ritinha Santa Rita, Jonatas Conceição, Nadir Nobrega, Valdeci Nascimento, Maria de Lourdes Siqueira, Nilo Rosa, Maria Geny Santo, Lindinalva Barbosa; líderes religiosas como Makota Valdina, Mãe Stella de Oxóssi, Mãe Hilda Gitolú; a líder comunitária Dona Zildete do Alto da Pombas, o sindicalista, ativista e político Luiz Alberto, João Jorge do Olodum, os ativistas [Raimundo] Bujão, Gilberto Leal, Luiza Junior, Kátia Melo, o cine clubista Luiz Orlando da Silva, o sociólogo José Lino de Almeida, entre muit@s outras lideranças que, à sua maneira, transmitiram ensinamentos, nos fizeram pensar, apontaram caminhos, nos alfabetizando intelectual e politicamente sobre as lutas do povo negro no Brasil e em outros lugares. Eram pensamentos sobre cidadania e conquista de direitos, sobre a luta necessária para a promoção da igualdade racial, social, e de gênero.

Foi a partir da inserção nessa atmosfera da militância do movimento negro que os textos de intelectuais como Abdias do Nascimento (*O Quilombismo*, *O genocídio do negro brasileiro*...); Elisa Larkin Nascimento (*Pan-Africanismo na América do Sul*), Alex Haley (*Raízes* e a *Autobiografia de Malcolm X*); Eduardo Galeano (*As veias abertas da América Latina*); João José Reis (*Rebelião escrava no Brasil*); Franz Fanon (*Pele negra, máscaras brancas*) Lélia Gonzalez & Carlos Hasenbalg (*Lugar de negro*); Ana Célia Silva (*A discriminação do negro no livro didático*), entre muit@s outr@s títulos, se tornaram referências bibliográficas fundamentais para mim e para vários amig@s da época, um grupo de estudantes negr@s que costumava se encontrar na Biblioteca Central dos Barris, nos cursinhos de pré-vestibular e nas atividades dos movimentos sociais de Salvador, sobretudo do movimento negro.

Eu lembro aqui dos meus amig@s, membros do *Juventude Negra*: Célia Sacramento, Luiz Sacramento, Reinaldo Santana Sampaio, Jadir Brito, Vera Virgens, Maísa Flores, Valdo Lumumba, Antônio Cosme, Ronaldo Barros, os irmãos José Francisco e Francisco José, Osmário... Aquel@s que já haviam conquistado a vaga na universidade serviam de referência para @s aspirantes a ela. Ao fim, tod@s fizeram uma trajetória bacana e seguem fazendo a diferença nos espaços em que atuam profissionalmente na atualidade.

O fato de nós, estudantes negr@s estarmos articulados em uma rede nos fortaleceu em nossas trajetórias, pois nós nos ajudávamos mutualmente. Com o passar do tempo fomos nos tornando estudantes universitários (de história, ciências sociais, direito, administração, pedagogia, contabilidade, letras...) e encontrando outr@s malungos. Eu estou citando as pessoas que ainda lembro, porém sei que várias outras não estão aqui relacionadas, espero o dia em que iremos recuperar os nomes de todas elas: Ana Claúdia Lemos Pacheco, Carlos Augusto Sant`Anna Guimaraes, Eliete Costa,... Esta rede extrapolou os campus da UFBA, estávamos juntos com estudantes da UCSal, Uneb, UEFS e Faculdade Visconde de Cairu, por exemplo. Esta rede nos levou a dar os primeiros passos para a organização do "1º Seminário de Estudantes Universitários Negros" (1° SENUN) em 1992, uma articulação de estudantes universitários negros à nível nacional, que discutiu "A universidade que o povo negro quer".

Com o ingresso na UFBA eu tive ampliada as minhas buscas por textos de historiadores e sociólogos considerados clássicos para o conhecimento da história e da cultura brasileira, assim como sobre a formação do Brasil contemporâneo. Desde então, o meu interesse sempre foi atentar para uma análise mais crítica sobre as abordagens realizadas até então sobre os povos negros e indígenas. Me recordo agora de algumas leituras que fiz, a exemplo de Florestan Fernandes (*A integração do negro na sociedade de classes*), Otavio Ianni (*Escravidão e Racismo*), Clovis Moura (*Rebeliões da senzala*), Gilberto Freyre (*Casa grande & Senzala*), Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*), Caio Prado Junior (*Formação do Brasil Contemporâneo*), Jacob Gorender (*Escravismo colonial*, *Escravidão reabilitada*), entre outros. Estes foram alguns dos textos que eu tive muita curiosidade em conhecer, e que também erámos cobrados na academia àquela época.

Como foi a sua entrada na pós-graduação e escolha de temas para estudo?

O meu ingresso no Curso de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia se deu no ano de 1996, foi uma alegria indescritível, tipo a maior da vida! Nele, eu pude dar continuidade às pesquisas iniciadas na graduação, quando se deu a minha inserção na pesquisa histórica. O potencial das fontes para o estudo da vida familiar e afetiva dos escravizados na Bahia do século XIX foi paulatinamente sendo

revelado à medida em que eu desenvolvia o trabalho como bolsista de iniciação científica, o que falarei logo daqui a pouco.

Você fez graduação e Mestrado na UFBA, tendo contato com uma importante geração de pesquisadores referências como João José Reis, Maria Inês Cortes de Oliveira, Ubiratan Castro Araújo e outros. Como foram tais experiências?

Logo que eu entrei na UFBA esses professores se tornaram imediatamente as minhas principais referências para atingir a formação que eu almejava sobre a história e a cultura afro-brasileira. Eu também posso incluir a saudosa professora Eugênia Lúcia Nery entre eles. Embora eu tenha iniciado as minhas pesquisas com o professor João Reis, foi a professora Maria Inês quem assumiu a orientação da minha dissertação de mestrado.

Contudo, o momento crucial da minha formação na graduação se deu a partir do ano de 1992, quando o professor João José Reis me convidou para trabalhar, na condição de bolsista de Iniciação Cientifica, na elaboração de um "Índice de assuntos relativos ao negro nos periódicos baianos do século XIX", e na coleta de dados em documentos manuscritos do acervo do Arquivo Público do Estado da Bahia. Foi a partir deste momento que se deu a minha inserção nos acervos e treinamento nas técnicas da pesquisa histórica. Este projeto estava vinculado ao "Programa Interdisciplinar de Estudos sobre o Negro e Relações Raciais – A Cor da Bahia", um Programa do Mestrado em Sociologia.

Além do primoroso treinamento que recebi no cotidiano de trabalho com João Reis, esta oportunidade foi de fundamental importância pelo aprendizado e estímulos fomentados a partir da interação com docentes e discentes de "A Cor da Bahia" em eventos relacionados à história, cultura e identidades afro-brasileira, a luta contra o racismo, sexismo e desigualdades sociais etc. A convivência com Jocélio Teles, Delcele Mascarenhas, Vanda Sá Barreto, Luiz Chateaubriand dos Santos, Lívio Sansone, Paula Barreto, Rosangela Araújo, Ângela Figueiredo, Amélia Maraux, entre outros, significou um acréscimo muito relevante na minha formação. Um fator também importante foi a bolsa paga pela *Ford Fundation*, que viabilizou uma melhor condição da minha permanência na universidade, podendo me dedicar ainda mais aos estudos e assim dar os passos que me levaram até a pós-graduação.

Com uma dissertação muito interessante e publicada você resolveu deixar a UFBA e fazer o seu Doutorado na Unicamp. Depois fez pós-doutorado nos EUA, fale um pouco sobre tais escolhas.

Quando eu fiz processo seletivo para cursar o doutoramento na Unicamp, não havia este curso na UFBA. Eu penso que independentemente deste fato, este sempre foi o meu desejo, tentar ampliar as minhas experiências e oportunidades de formação. Eu tive este incentivo já na graduação e hoje aconselho aos meus estudantes a fazer o mesmo, sempre que houver alguma chance para fazê-lo. Eu sou realmente muito orgulhosa da minha trajetória acadêmica, de ter a UFBA e a UNICAMP no meu currículo, foram experiências realmente fundamentais, de muitos aprendizados, desenvolvimento intelectual, de encontros com muitas pessoas (colegas, professor@s, amig@s) que sempre serão bem lembradas.

O doutorado na Unicamp me proporcionou a "longa travessia" orientada pelo maior especialista nos estudos sobre a família escrava no Brasil, se não fosse para ser assim, continuaria na Bahia. Com Bob eu dei continuidade ao rigor para a elaboração do trabalho acadêmico, aliando sofisticação nos argumentos e inovação nos procedimentos metodológicos. Eu já nutria grande admiração pelos trabalhos de pesquisa d@s professor@s Silvia Lara, Sidney Chalhoub e Clementina Pereira, e foi muito importante estudar diretamente com eles. O intercâmbio das discussões acadêmicas entre o Cecult da Unicamp e a Linha de Pesquisa Escravidão e Invenção da Liberdade da Pós-graduação em História da UFBA já eram grandes, e a interação entre os pesquisadores continua rendendo muito excelentes resultados.

Eu batalhei muito para conseguir fazer os seis meses de Doutorado *Sandwich* na *Dillard University* (New Orleans – Louisiana) em 2002-2003; também não medi esforços para voltar aos Estados Unidos outras vezes para participar de eventos, até ter a oportunidade de fazer o meu primeiro ano de pós-doc em 2013-2014, no *Departament of Ethnics Studies* da *Colorado University at Denver* (Denver – Colorado). Ir estudar no exterior foi mais uma vez sair da zona de conforto, tentar transpor as barreiras impostas pela diferença da língua para assim poder aproveitar e potencializar ao máximo os

resultados desta experiência. A historiadora Raquel Elizabeth Harding e seus pais, Rosemary Freener Harding e o historiador Vicent Harding foram fundamentais para essas minhas aventuras no meio acadêmico norte-americano. Há dez a nove anos atrás, foram passos que podem ser considerados muito largos para quem vem das camadas populares, quase sem referências nesse quesito e com poucos recursos. Eu não sei se teria conseguido ir tão longe sem eles.

REALINHANDO HISTORIOGRAFIAS

Como você analisa as viragens da historiografia da escravidão nos últimos 20 anos?

Eu vejo avanços significativos na diversidade de abordagens (escravidão, processo de emancipação dos escravizados, a abolição e imediato ao pós-abolição); nos procedimentos metodológicos que trazem trajetórias de vida individuais ou coletivas e, ainda, quando a história é contada a partir das experiências dos subalternizados; é sensacional poder desnudar os projetos, as estratégias, as aspirações, as subjetividades dos sujeitos em questão. Hoje as pesquisas se articulam muito a partir de uma perspectiva da interdisciplinaridade; da diversidade das fontes utilizadas e sendo buscadas não só nos arquivos brasileiros, como cada vez mais em acervos de instituições estrangeiras (sobretudo quando se trata de fontes africanas); vemos a ampliação do diálogo com a literatura produzida nas diferentes localidades das américas e também africanas; da emersão de novos sujeitos (homens, mulheres, crianças, escravizados, libertos, livres, africanos livres); gosto dos trabalhos de pesquisa onde as análises qualitativas e quantitativas se articulam no texto para o aprofundamento da discussão.

Apesar de o volume das novas publicações sobre a escravidão terem aumentado em boa medida nesses últimos anos, e ser bastante difícil acompanhar todos os lançamentos, eu as vezes sinto falta daquele levantamento bibliográfico rigoroso, sobretudo, nos trabalhos realizados pelas gerações mais novas. Eu tenho grande preocupação em alertar os meus estudantes sobre referendar os principais textos que dialogam com a sua pesquisa, ao tem em que apresenta de forma bem argumentada as novidades das suas abordagens. Seria muito bacana também interagirmos um pouco mais com os estudos sobre a escravidão no Caribe e América Latina. Eu acredito que este

distanciamento se justifica pela lacuna que temos de núcleos de estudos latino-americanos nas universidades brasileiras. Desde a criação do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, foram necessárias muitas décadas para que os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) pudessem se firmar nas universidades brasileiras, ainda assim, com muito pouco recurso destinados a eles. Os professores e estudantes trabalham à duras penas, movidos pelo calor do ativismo acadêmico e social. Contudo, a ampliação do número de Neabs impulsionou muito a formação de novos pesquisadores negros, estudiosos de temas africanos e afro-brasileiros. Um dos desdobramentos mais recente a partir dos Neabs tem sido a criação de cursos de pós-graduação, a exemplo do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da UFRB.

FAZENDO GÊNEROS E INTELECTUAIS

Há uma importante geração de historiadoras negras – intelectuais importantíssimas – no cenário acadêmico brasileiro atualmente. Como você avalia o contexto atual e a inserção de uma historiografia potente sendo produzida por intelectuais negras e negros? Quais os desafios, armadilhas, dilemas e questões centrais?

Avalio a crescente inserção de intelectuais negr@s no cenário acadêmico brasileiro como muitíssimo positiva e extremamente necessária para o pleno desenvolvimento do país. Tivemos algum avanço sim, porém considero ainda incipiente, pois esta presença precisa em muito ser ampliada. Ela não pode ficar restrita à área das Ciências Humanas, precisa se expandir para todas as áreas do conhecimento humano. Os intelectuais negros continuam muito pouco encontrados nas ciências exatas e biológicas por exemplo, sobretudo na produção de conhecimentos considerados “de ponta”, aqueles que requerem maior investimento em recursos financeiros e tecnologias. O que nós reivindicamos e temos direito é de termos oportunidades iguais aos cidadãos que historicamente ocuparam estes cenários, invariavelmente beneficiários do que puderam acessar a partir dessa sociedade estruturalmente racista e desigual em que vivemos. Vale ressaltar que ao falarmos da importância da inserção de intelectuais negr@s nesse cenário, estamos considerando que ess@s intelectuais levarão, como deve ser, os legados (saberes, experiências etc.) das diferentes culturas dos povos formadoras da sociedade brasileira (e

de toda a humanidade), e desenvolverão novas epistemologias, atribuindo os devidos créditos a esses legados.

No que se refere à inserção de uma historiografia potente produzida por intelectuais negras e negros, penso que foi um divisor de águas na academia e na sociedade como um todo, pois saímos da condição de objetos de estudo de uma legião de pesquisadores brancos, e estamos nos tornando estudiosos da nossa própria história, da história dos nossos antepassados. Uma grande janela se abriu para novos interesses em pesquisas, fontes e perspectivas de análises, assim como para referenciais teóricos até então não acessados ou pouco explorados. Por mais que reconheçamos a importância e contribuição franqueada por intelectuais não negr@s porém aliad@s na luta antirracista, ninguém poderá questionar a legitimidade da reinvindicação de uma coletividade pelo direito de poder contar a sua própria história. Contudo, eu jamais diria que um pesquisador de origem étnico racial não negra estaria proibido de produzir conhecimentos sobre nós, não se trata disso.

Como você avalia o seu papel acadêmico e intelectual – em uma universidade pública – na formação de professores e pesquisadores?

A maioria das pessoas que atuam na área da educação, parecem carregar uma predisposição de doar-se ao máximo, buscando contribuir para o pleno desenvolvimento humano. Quando esse profissional tem um maior engajamento nas questões sociais e políticas, que visam a transformação da nossa sociedade em um espaço mais humano e igualitário, o seu volume de demandas e responsabilidades acabam se multiplicando significativamente.

Eu me orgulho muito de ser professora em uma universidade pública, foi o que sempre desejei quando comecei a fazer o Curso de Licenciatura em História. A minha expectativa sempre foi no sentindo de colaborar para o desenvolvimento das pessoas, intelectual, pessoal e materialmente. Eu me empenho para contribuir na capacitação de profissionais (professor@s e pesquisador@s bem qualificad@s, dotad@s de pensamento crítico, confiantes em seu potencial e comprometidos em ajudar a transformar as realidades adversas, como as que predominam em nosso país.

ATUALIZANDO PROJETOS

Fale um pouco dos seus projetos acadêmicos e intelectuais atuais.

Eu tenho vários projetos, vou enumerar rapidamente três: continuo investindo no sentido de ampliar os meus estudos sobre família, mulher e criança negra, agora na perspectiva de estabelecer uma abordagem comparativa mais estreita com as sociedades escravistas do "mundo atlântico"; venho trabalhando no sentido de contribuir (incentivar, orientar, sugerir caminhos) para a formação discente na graduação e na pós-graduação em estudos sobre a diáspora africana, e para tanto criei disciplina com essa finalidade para os cursos de graduação e pós-graduação (Diáspora Africana nas Américas); estou ampliando um estudo sobre a vida familiar dos africanos livres na Bahia.

Recebido em: 01/02/2021

Aprovado em: 15/02/2021